

## ***Lições do Passe – Seminário da Diretoria da EBP-Rio***

<http://www.ebprio.com/>

Coord. Marcus André Vieira

### **VI – O passe e a política do sintoma<sup>♦</sup> (ou Acontecimentos de corpo na vida e na análise)**

#### **Diferença e passagem**

Nesta retomada vamos experimentar como o percurso do primeiro semestre, da fantasia ao sintoma no final da análise, percurso necessário nas análises, digamos, mais clássicas pode contribuir para orientar nossa prática clínica nos diversos espaços em que o analista é chamado a atuar distante do consultório? É possível se servir do passe para pensar as situações clínicas que dizemos “na cidade”.

Lembro a vocês nossas efemérides: “O império das imagens”, agora em setembro, “O mal-entendido do corpo” em outubro, e “O corpo falante”, como o inconsciente no século 21, em abril do próximo ano. Nessa sequência de temas vamos de um tema de civilização, em direção à clínica mais “micro” e finalmente nossa clínica “de ponta”, ainda em estágio de programa de investigação mais do que um fazer já estabelecido, no que chamamos, com J. A., de “último ensino de Lacan”.

Revi as transcrições dos últimos encontros (<http://bit.ly/1IzVBGT>) e ficou claro como o percurso que estamos fazendo este ano vai em sentido inverso. Começamos discutido sobre o que limite, ou o final, a abertura da fantasia ao sintoma, ou seja, a fantasia e seu além. Agora, após termos arrumado um pouco a casa podemos partir para pensar de que modo ela nos serve no mundo, inclusive em termos de nossa política. Então a proposta de hoje é abrir esse panorama e imaginar de que maneira poderia se dar a passagem de um espaço a outro.

O termo “cidade” em nossas falas não se refere a nenhum lugar específico, afinal, nossos consultórios também estão na cidade, diz mais de uma *diferença*, de prática, por exemplo, como se a prática da cidade não fosse a mesma do consultório. Às vezes, enfatizamos com ele uma diferença de paciente, os pacientes no consultório não seriam os mesmos da cidade. Quando falamos do psicanalista na cidade, supomos um psicanalista num espaço diferente de seu *habitat* natural, neste espaço ele encontraria gente diferente do analisante típico.

A mesma diferença, porém, pode ser marcada não mais em termos de espaço, mas de tempo. É o que acontece quando dizemos que o inconsciente mudou e distinguimos o inconsciente dos tempos de Freud e o inconsciente no século XXI. A diferença se situa como uma experiência temporal, a do inconsciente vitoriano, do paciente da idade moderna e a do paciente de hoje, da idade pós-moderna.

---

<sup>♦</sup> Este texto reproduz o sexto encontro do seminário ocorrido em 22/07/15. Transcrição e pesquisa inicial de referências por Cida Malveira, revisão Marcus André Vieira.

Já ficaram marcadas aqui duas diferenças, a temporal e a diferença espacial, do inconsciente nos tempos de hoje e do inconsciente nas periferias. Quero alinhar essas diferenças para poder usar a passagem da fantasia ao *sinthoma* como uma espécie de chave para pensá-las. É uma terceira diferença, a cena da fantasia e o espaço ilimitado do *sinthoma*, mas vejam que estamos falando de uma passagem, de uma situação para outra e não de ruptura.

Minha proposta é tentar situar as oposições e buscando fazer as passagens, a passagem de um estado para o outro com as transformações que eventualmente ocorrem nestas passagens, as mutações. Tomar as passagens e as mutações como chave de leitura tem tudo a ver com o último ensino de Lacan, mas especialmente tem a ver com o que os passes nos ensinam, pois é assim que acontece, ninguém rompe com sua matriz fantasmática, a esvazia ou atravessa, como vocês quiserem, mas não a deixa definitivamente para trás.

Não é tão evidente sempre apostar na passagem. Pensem, por exemplo, como parece oposto o percurso de alguém que faz análise durante anos e um caso de autismo. Ao invés de passagens poderíamos fazer oposições: “a fantasia se opõe ao *sinthoma*”, “a clínica do sujeito se opõe a clínica do falasser”, “a clínica do inconsciente-fantasia se opõe a clínica do inconsciente-*sinthoma*”, “o primeiro ensino de Lacan se opõe ao último ensino”. É fácil opor, difícil é fazer a passagem. Meu objetivo deste semestre é encontrar a passagem, partindo daquilo do que colocamos em jogo no primeiro semestre. Então trabalharemos todo o tempo com os binômios e com as passagens entre eles.

Em todo passe há uma passagem, está no nome, definida por Lacan em su “Proposição...” em 67 como passagem de analisante a analista.<sup>1</sup> Os termos, fora do contexto, provocam confusão. Analista para Lacan é uma função, que pode se realizar em uma análise ou não. Quando fala nessa passagem, Lacan, poderia se referir a alguma coisa que acontece com a relação de alguém com sua fantasia que torne possível para este alguém não lutar contra a função analista e suportar encarná-la sempre que possível. Desse modo, a passagem de que fala Lacan não precisa ser lida como a da passagem para um ser, para uma espécie de “estado de graça” que seria “ser analista”, mas para o exercício de uma função, o que implica mais em “des-ser”. Ela é muito mais a passagem do protagonismo de uma estrutura de cena, a fantasia, para a predominância de uma fazer fora de cena, o *sinthoma*. É a passagem de uma situação para outra, ou a transformação da mesma situação, uma abertura da fantasia, uma desrealização da fantasia, como trabalhamos no primeiro semestre.

Essa passagem conceitual, se mantém no último no ensino de Lacan, mas serão bem mais sutis. Do sintoma ao *sinthoma*, a diferença é só uma letra que nem se ouve, temos que acentuar o *th*, para fazer oposição. Outro exemplo: da língua para *lalíngua* não há quase nada de diferença.<sup>2</sup>

Pode não ser fácil, mas se não procurarmos as passagens vamos voltar para a oposição clássica, ou seja, a psicanálise pura e a aplicada. Sabemos como tendemos a cair na dificuldade comum que é imaginar duas psicanálises, uma mais pragmática e menos conceitual, outra mais séria e abstrata. Pior, começa a haver aqueles que querem ser só “Psicanalistas aplicados” como se houvesse duas formações, duas carreiras, foi o que levou Miller a propor uma reorientação do trabalho em nosso campo a partir do passe.<sup>3</sup>

Essas oposições rígidas levam a muitos nomes feios para definir a diferença em questão, um exemplo: “precariedade simbólica”. Os pacientes de hoje, ou o das populações mais “vulneráveis” teriam uma precariedade simbólica, uma falta de dialetização, ou de recursos. Ora, quem disse que uma análise é uma empreitada intelectual se justamente é o intelecto egóico que será descentrado, desmontado?

## Desrealização da verdade

Vou abrir a conversa com a proposta de assinalar essa diferença de outro modo, com a expressão *desrealização da verdade*. A diferença é que nessas situações, contemporâneas ou periféricas haveria uma desrealização da verdade que parece levar a uma mudança nos dados do jogo analítico.

Pensei num exemplo, a proposição “há uma diferença anatômica entre homens e mulheres”. Todos concordam que isso é uma verdade, mas a cada vez menos essa verdade parece falar de um real. Vamos caricaturar para pensar: A orientação sexual de cada um é sua verdade, mas não é o real, porque está no ar a ideia de que o real pode ser mudado, pode-se tudo mudar graças a um tanto de bisturi, silicone e hormônios.

Assim, quando alguém se interroga sobre a verdade de sua orientação sexual, tende a não buscar no fundo de seu ser a verdade sobre o real da sua posição sexual. Sua orientação sexual está já definida por uma pesquisa de genes ou de neurônios, não há dúvida sobre ela. E ainda por cima, se por acaso você quiser mudá-la basta o bisturi. Dessa forma a conjunção bisturi ou laboratório, desrealizam a verdade da orientação sexual.

O real não está no mesmo lugar e a separação entre o real e a verdade muda nossa prática. A diferença, que projetamos naquela entre o paciente de ontem e de hoje ou entre o paciente careta e o pós-moderno poderia ser assim definida: a categoria da verdade não funciona mais do mesmo modo para fisgar o real da singularidade. Se a categoria da verdade não funciona, não é porque o sujeito em questão é precário, mas porque nossos tempos são de uma disjunção entre verdade e real, de um rebaixamento da verdade, como nome do real.

Nada mais faço do que seguir o trabalho do último Congresso da AMP, que situa a nova ordem simbólica como aquela em que o real se divorcia da natureza.<sup>4</sup> De certa forma, o real também, nisso, se esvazia. Segundo Miller, o real na nossa civilização é hoje tido como apenas um “agenciamento de semblantes”.<sup>5</sup> Uma ficção bem-sucedida, só. Nossos dias dizem: não há real, apenas artefatos, maneiras de lidar com as coisas. Somos nós, analistas, que vivemos dizendo que *não há relação sexual*, que sustentamos que há real. Não há relação no real, mas, exatamente por isso há real, o real da não-relação, da impossibilidade de uma ficção qualquer sustentar a relação, a proporção de cabo a rabo no que concerne o sexo e a morte.

Sustentamos a ideia de que há um incomensurável do gozo, na relação de si consigo mesmo, ou de si com o outro. Na prática, porém, se lidamos com alguém para quem a verdade sobre o real não faz muito sentido, para quem não importa encontrar a verdade sobre o defeito, o porquê da vida ser malfeita, como modo de corrigi-la, não haverá muito interesse em se lançar na busca dessa verdade, mais fácil partir logo para o bisturi. Ora, é justamente pelo atravessamento, numa análise, dos impasses da relação que chegamos ao real da não-relação e com essa presença refazemos a vida. Se não temos mais a busca da verdade como método para mergulharmos na

empreitada, as coisas mudam. É nossa dificuldade, separados real e verdade, desvalorizados ambos, não podemos mais contar com o impasse da relação.

Não está fácil para nós, mas não quer dizer que estaria fácil para os outros. Não é que as coisas não deem errado graças à técnica, mas uma coisa é encontrar um impasse, outra trombar com uma parede. Se suponho que um tsunami diz uma verdade sobre o real e esse real é fora de qualquer relação, fora do sentido, ele parece trazer um significado a mais do que um fenômeno climático. Ele pode se tornar um enigma, pois tem uma verdade a ser decifrada e podemos partir para buscar um adivinho. Mas a figura do real de hoje é a do tsunami como alguma coisa que não fala verdade nenhuma, apenas traduz leis calculáveis e o que se propõe são técnicas para evitá-lo ou minorar seus estragos.

Tudo isto para convencer vocês de que uma desvalorização, desrealização da verdade, poderia ser um dos nomes da diferença temporal-espacial que nos interessa.

**Marcia Zucchi:** gostaria de entender melhor porque desrealização da verdade e não desvalorização ou apenas separação entre verdade e real.

Prefiro desrealização, porque indica que continua havendo verdade apenas meio desvalorizada. A verdade como convenção, consensual, localizada, conjuntural e variável segundo as minorias é marca dos nossos tempos. Ela perde sua força real, porque a cada instante pode ser refeita. Mas chamar de verdade desvalorizada já não é dar valor implícito à verdade? Por isso desrealização.

Quanto à separação entre verdade e real: é um fato, que Miller demonstra, que no último ensino Lacan separar verdade e real, algo que ele valorizou no começo.<sup>6</sup> Com a valorização da verdade como nosso caminho para o real foi uma das revoluções que Lacan trouxe para a psicanálise. Dizer que o específico da análise é que ela é uma experiência de verdade, como ele faz em “Função e Campo...”<sup>7</sup>, fez toda diferença. Faz sentido, para começar porque afasta a idéia de que a análise seria uma experiência de saber, de autoconhecimento, afinal, esa tal verdade não é um saber, mas uma experiência. Serviu também para tirar do horizonte a bússola da terapêutica para definir uma análise. Ela não é uma terapia como as outras porque busca uma verdade e não uma cura, a terapêutica, como lembra Lacan vem, segundo Freud, “por acréscimo”.<sup>8</sup> Ao caminhar na busca da verdade, por acréscimo, fiquei melhor, também aprendi um tanto, mas isso não é mais o essencial.

Li nas férias *A coragem da verdade e o cuidado de si*, de Michael Foucault.<sup>9</sup> Maravilhoso, acho que foi o último seminário dele. Lá estão os quatro discursos de Lacan, mais plásticos e menos logicados, encarnados em figuras da Grécia antiga. Para Foucault, o mestre é o *sábio*, o que sabe a verdade, e que a fala se quiser, pois a conquistou para si. O que ele chama de *professor* ou técnico é nosso discurso universitário, aquele que sabe uma verdade, a de seu ofício, e a ensina. O sofista que é o *retórico* ou o político seria, no nosso jargão, o discurso do histérico, é aquele que busca a verdade de um desejo, daquele a quem se endereça, um grande público às vezes, e o captura sem se importar com a relação entre essa verdade e o real. Finalmente lá está o *parresiasta*, cuja característica é a coragem de dizer a verdade a *parresia*, ele é o agente da fala franca, o que diz aquela verdade que o interlocutor não sabe, ele é o analista. O sofista, o sábio, o político e o *parresiasta*, quatro figuras que entrelaçam o saber, a verdade para a cidade e a verdade de si mesmo, reunindo saber, política e verdade. Tudo gira em torno da verdade, podemos ver como é uma categoria forte e que funciona, mesmo quando os gregos já demonstravam que o

*parresiasta* não se dão bem na democracia, nela não há lugar para que alguém se levante e diga a verdade, há muito lugar para o *parresiasta* ao lado do tirano, como aquele que tem a fala franca e vai lhe dizer o que ele não quer ouvir, mas que o levará a melhor guiar a cidade.

Nós, porém, seguimos a proposição de Miller: “ façamos a aposta de que já analisamos o falasser, resta saber dizê-lo”. Temos que correr atrás da clínica e, nela, a verdade está rara.

Não apenas na clínica, igualmente na cidade. Tempos atrás quando trabalhava com a psicanálise no âmbito da polícia, esperava encontrar algo diferente, mas no final, acabamos encontrando coisas parecidas. A mesma coisa quando estamos trabalhando numa favela. Claro, pois tendemos a lidar com os que lidam bem com nosso discurso, mas de todo modo, talvez possamos falar de certa deflação da força dessa categoria. Há também situações em que evidentemente a verdade não está mais em cena, nada há a fazer com a categoria da verdade, por exemplo, a operação “Lava-jato”. A categoria da verdade, nesse caso, não serve para rigorosamente nada. Já na “Comissão da Verdade”, talvez seja um contra-exemplo. Ela foi instalada, como na África do Sul nos tempos de Mandela, para que as pessoas tragam sua experiência de verdade, nada mais, pois não haverá consequências penais, mas é muito, faz muita diferença. É um caso a ser estudado, e em nosso meio, Jorge Pimenta e Ana Lúcia Lutterbach-Holck têm se dedicado a isso.

De todo modo, o tema da verdade deve ser revisto para o campo da nossa política, ou pelo menos interrogado, ainda mais se o objetivo é examinar casos em que o trabalho clínico prescinde da categoria da verdade.

## Acontecimento de corpo

O mais importante, porém, no tema da desvalorização da verdade não é que isso esteja inscrito no espírito do nosso tempo, mas que ocorre nas análises e nem nas “pós-modernas”, mas sim nas mais clássicas. O passe nos ensina como o final de análise implica em uma desrealização da verdade da fantasia.

Então podemos colocar em série a passagem da fantasia para o *sinthoma*, a de uma prática que parte da verdade para outra que prescinde dela, e a dos tempos de Freud para os de hoje.

Desta forma, pode-se opor o sintoma como verdade cifrada, censurada, recalçada, ao *sinthoma* como gozo singular fora do sentido, o sintoma no primeiro ensino e no último, mas se nos apoiamos na passagem da fantasia ao *sinthoma* veremos que há algo que faz essa passagem, que foi apenas indicado semestre passado, o corpo. O corpo como lugar de uma verdade oculta num extremo e como lugar de um acontecimento, maneira como Lacan define o *sinthoma*, como um acontecimento de corpo.<sup>10</sup>

O *sintoma* do início da análise nos leva a percorrer a fantasia como lugar da apresentação de uma verdade, ou da falta dela. Buscamos uma verdade e quando encontramos, estamos como objeto, essa é a dificuldade da fantasia, que chamamos de gangorra. Quando se diz, por exemplo, “sei que ali eu fui feliz”, nesse lugar não se era nada, só uma coisa presa no Outro, a mãe, por exemplo. É sempre o sujeito como objeto, não podendo viver aquilo como sujeito ou, como diz Lacan “sou onde não penso e penso onde não sou”. A fantasia define um lugar para esse objeto, pedaço de corpo rejeitado, resto, fora de cena, o objeto a.<sup>11</sup>

Já o *sinthoma* é alguma coisa que se encontra quando todo o valor de verdade da fantasia já se esvaziou e o gozo que o objeto *a* condensava se espalhou. Os relatos de passe que vimos transmitem como neste ponto encontra-se com um gozo que vibra no corpo e que pode se escrever, mas que não se condensa como um objeto. A maneira que Miller promove em Lacan para nos aproximarmos deste gozo que “está lá”, mas não é nada, não se objetaliza, é como *acontecimento*.

No nosso meio, vamos encontrar *acontecimento de corpo* sendo usado para qualquer coisa, de uma dor de barriga a alguma coisa inaugural e ainda para alguma coisa que acontece numa análise. Vejamos como Luiz Fernando Carrijo falou do acontecimento de corpo em seu relato ouvido por nós no último encontro.

Quando relata um sonho ele diz “é nítida a presença desse nada”. Lembrem-se de que o sonho começa catastrófico, um cavalo grande, como se fosse uma nuvem negra que vai chegando e nessa nuvem uma espécie de cavalo e um cavaleiro. Enquanto a nuvem cresce o cavaleiro vai diminuindo, numa espécie de jogo de sombra e a própria nuvem se esvanece, sem deixar de ser sombra. Ele toma esse sonho como conclusivo porque marca que aquela sombra terrível, se transformou numa espécie de névoa de fumaça. É o que vai traduzir o esvaziamento da matriz da fantasia, que sempre havia determinado uma enorme dor que estava sempre pronta a chegar, mas que em vez de chegar mantinha-se rondando e paralisava ou anestesiava o sujeito na vida.

No sonho é nítida a presença desse nada, já que se trata de algo com movimento próprio, mas não passando de uma silhueta de sombra. Sem qualquer consistência, assim como a nuvem gira em torno do seu vapor e se lá está para anular seu efeito de sombra, nada, redundando também em nada portar, ou seja, tanto a anamorfose da imagem, quanto sua dissipação no segundo tempo do sonho, tornam possíveis a apreensão de um semblante novo que designa a impossibilidade de se recuperar a matéria que traduz como acontecimento, onde o corpo goza de si mesmo anulando qualquer incidência do sujeito.<sup>12</sup>

“A matéria que traduz o acontecimento”, que é “impossível, de recuperar” é “onde o corpo goza de si mesmo anulando qualquer incidência do sujeito”. Essa é a definição de acontecimento de corpo no relato. É a história de um corpo que passou a vida se preparando para o pior, que por um triz não acontecia, tendo certeza de ter vivido uma dor terrível em um momento traumático originário, que repercutiu a dor do pai e que neste momento se apresenta como jamais tendo sido nada a não ser um irrepresentável.

**Lenita Bentes:** Este é o ponto que pode ser chamado de passagem da fantasia para o *sinthoma*.

Exatamente. O *sinthoma* aparece como alguma coisa meio-nada que ganha presença e será chamado de acontecimento. O acontecimento não é a dor, nem a sombra, mas a nuvem como nada além de nuvem. Então Maria Silvia pede um a pouco mais e Luiz Fernando lhe responde:

Veja bem Maria Silvia, (...) a constituição dessa zona de sombra se dá com um acontecimento de corpo, o que eu considero um acontecimento de corpo é justamente o momento imediatamente após o acidente e imediatamente antes do encontro com o olhar da mãe, aí localizo o acontecimento de corpo.

Ele então diz “ai eu localizo essa coisa que se inscreveu”, que foi no momento imediato ao incidente em que o macaco o mordeu, e imediatamente, antes do encontro com o olhar da mãe. Ele localiza o acontecimento de corpo, diria, inaugural.

Aí, eu localizo algo que é absolutamente irrecuperável, do ponto de vista de uma significação. Toda significação que tive depois, foi a partir do encontro com o olhar – da mãe -, não antes.



Ele foi mordido pelo macaco, a seguir vê o olhar da mãe que lhe faz viver um “meu Deus como estou sofrendo”. É quando entra a dor, que ele não chegou a sentir, esse é o lugar, o ponto que ele chama de acontecimento inaugural de corpo. Não é o trauma, a mordida, a dor que ele teria sentido, a subtração de vida que o macaco teria efetivado.

Por isso ele diz que esse acontecimento de corpo está aquém. A presença da dor só é significada depois do encontro com o olhar da mãe.

**Participante:** o acontecimento de corpo é pós o atravessamento da fantasia?

Podemos dizer que houve um encontro com a dor que não houve, ele foi vivido, na sessão, como um acontecimento, mas também há a dor que não houve como uma aspecto do corpo que sempre esteve lá só não podia ser vivido a não ser como anestesia da dor. O acontecimento de gozo não é um acontecimento histórico. O acontecimento traumático sim, ele é um modo de historicizar, de dar lugar no mundo ao gozo do *sinthoma*, mas ele o fixa dentro de uma cena. Quem fixou o gozo do *sinthoma* foi o olhar da mãe, que o levava à anestesia da dor, a evitar a todo custo uma dor insuportável que ele teria vivido. Tudo isso é esvaziado quando ele pode viver o acontecimento de corpo, digamos *aquém* do trauma.

O gozo do *sinthoma* não é o acontecimento traumático, mas um acontecimento de corpo. É como se o sujeito, esvaziada a fantasia, sentisse algo que vibra sem a dor do trauma e encontra um modo de dar lugar a ele. Com Luiz Fernando foi como subtração, como o momento em que o trauma ainda não havia acontecido, mas algo já estava lá acontecendo, o acontecimento de corpo.

## O acontecimento e os acontecimentos

O acontecimento de corpo definido como *sinthoma* de um falasser é o surgimento de um gozo fora do sentido, porém filho do encontro com a linguagem. É um momento qualquer, empírico, da análise em que o corpo que se goza independentemente da fantasia é apreendido. É um acontecimento que remete a este encontro inaugural, mas que não tem cena, não pode ser suposto ter acontecido assim ou assado. Então o acontecimento de corpo inaugural só consiste nos acontecimentos desse gozo sem objeto, pois não é o acontecimento histórico.

Uma das metáforas de Lacan para o acontecimento inaugural, na “Conferência de Genebra sobre o Sintoma”, é a de uma peneira. É como se o corpo fosse originalmente uma peneira atravessada pela linguagem. A metáfora serve para a gente deslocar a ênfase. Ficamos muito atentos ao real que entra e sai, mas o importante é o que fica na peneira. As marcas, os restos, detritos que ficaram na peneira são eles que contam mais para a nossa singularidade do que o que passou pela peneira. Esses detritos são as marcas que, para cada um, definem os possíveis e impossíveis do gozo e que Lacan aproxima do sintoma. São as marcas do encontro entre a linguagem e o real do corpo.<sup>13</sup>

Vale usar a distinção proposta por Miller com relação à angústia, há o acontecimento *constituente* *aquém* do trauma e o acontecimento *constituído*, a cena do trauma. O *constituente* só se verifica aqui e agora quando ele se apresentar fora da fantasia, como *sinthoma*.<sup>14</sup>

Acontecimento de corpo é a passagem de água pela peneira, e também aqueles momentos em que a rede de detritos que ficaram em vez de remeter ao trauma

remetem apenas ao que são, vida encarnada. O momento dessa passagem do acontecimento, a chuva do significante, não é um momento em que existiria alguém para contar, mas quando se vibra de certa maneira, o sujeito está vibrando em consonância com aquele momento e não em consonância com a leitura desse momento como trauma.

O momento da mordida a cena meio confusa, esse é o espaço da vibração do acontecimento de corpo. É a mesma situação em que ele vive a sombra do enorme cavalo. No meu relato de passe, o que identifiquei com a barulheira na rua é a mesma coisa.

Na aula acima citada dada por Laurent, ele promove a definição de Lacan do *sinthoma* como acontecimento de corpo como nossa bússola. Essa pode ser nossa passagem da fantasia para *sinthoma*, etc.

**Maria Silvia:** pensei que para fazer essa passagem precisaríamos usar da topologia. O eixo da fantasia e o eixo do *sinthoma*, para poder articular, precisamos fazer uma torção, como na Banda de Moebius.

Dois comentários. Precisamos nesse percurso, considerar com cuidado e carinho a topologia, talvez sem ela nos percamos muito, mas isso não significa que só com a topologia é possível entender essa passagem. Acho que podemos dizer, como você diz, que toda saída de análise envolve uma saída do espaço euclidiano. É preciso sair da geometria, das esferas, é preciso abrir-se ao tanto de vida que em nós não cabe, é esférica. Podemos pensar também que o espaço da topologia dos nós é este espaço aberto, o espaço do falasser e o espaço da fantasia, o euclidiano o do sujeito. Especificamente falando da banda de moebius, acho que ela não serve para mostra a passagem de um espaço a outro, mas para mostrar como a cena cs e ics se articulam.

## Ressonância e Interpretação

O acontecimento de corpo faz a passagem? Talvez. Acontecimento de corpo é alguma coisa que está nos dois espaços. O acontecimento de uma verdade também é um acontecimento. Há acontecimento no plano da verdade e há acontecimento no plano do *sinthoma*, só que o acontecimento no plano do *sinthoma* não tem nada a ver com a verdade.

O acontecimento de corpo é a passagem que quero propor. Uma coisa que aconteceu, ou que acontece, pode não querer dizer nada, não mudou minha opinião sobre nada, mas não posso ficar indiferente a ele depois que aconteceu. É nesse sentido que acontecimento de corpo não traz não necessariamente nos leva para uma experiência de verdade.

Tento colocar o acontecimento de corpo no plano do que Miller tenta traduzir como *reiteração*, alguma coisa que simplesmente é, o gozo do Um, que está fora da discussão sobre a verdade e se apresenta como uma espécie de liberação da fantasia.

**Participante:** no relato do Luiz Antonio Carrijo e suas consequências está claro.

Dois pontos me interessaram, este esvaziamento, o do gozo que é, sem por quê, e a intervenção do analista quando diz “é preciso acender a luz”.

A proposta de Laurent é que a interpretação no último ensino é o que produz ressonância, que se situa nesse plano do acontecimento e que não tem nada a ver com a verdade. Alguma coisa nesse acontecimento de corpo só se alcança por



ressonância, e não com interpretação. Ou então chamamos de interpretação outra coisa bem diferente da interpretação como corte ou apontando o objeto que são as duas definições maiores de Lacan para a interpretação. Isso é o trabalho dessa última aula do Laurent, seguindo Miller em “O ser e o Um,” de manter o termo, mas tentar mostrar que nesse plano do acontecimento de corpo, a interpretação é apenas ambiguidade, nos termos de Lacan, fazer ressoar, a ambiguidade do equívoco da língua.<sup>15</sup>

O significante que ressoa, se ressoa é porque é um significante fora da cadeia, na franja do simbólico.<sup>16</sup>

Essa é uma noção clínica, o significante que ressoa está em consonância com o modo como o corpo foi afetado pela linguagem, está no plano de língua. No caso de Luiz Antonio Carrijo, quando o analista lhe diz “é preciso acender a luz”, pudemos ver como foi sério. Depois de anos de várias análises, o “é preciso acender a luz” teve um efeito mirabolante. Não foi o de uma descoberta, “ah!, agora entendi que era preciso acender a luz”, ou ainda “entendi que minha verdade era a luz”. Ele diz que era como se alguma coisa que já estava lá se delineasse.

No meu caso, se o vazio já se apresentava no esgotamento da palavra de sentido, vivenciado nas sessões, a conclusão só pode se dar com o contorno que delimita a sombra, a saber, a presença da luz.

Essa imagem a mais a meu ver, passa a funcionar como modo de escrita que faz contorno a essa zona de sombra, inaugurada pelo acontecimento traumático, e incessantemente repetida inserindo-se na minha história como um corpo estranho íntimo.

O jogo de luz e sombra a que esse dito do analista deu lugar definiu a possibilidade dele se apropriar um pouco dessa sombra, da sombra do *sinthoma*, da sombra do acontecimento de corpo, não da sombra da dor que sempre o deixara na angústia. Nesse plano do que é intervir, de buscar esse acontecimento de corpo uma vez esgotado o valor de verdade, de ter sido desvalorizada a verdade, busca-se aquilo que ressoa. Há palavras em certos momentos que fazem efeitos que outras não fazem.

Laurent cita Lacan nessa lição lembrando que a única coisa que atinge o gozo do *sinthoma* é o equívoco, a ambiguidade. *Equívoco* em francês é muito mais ambiguidade, essas coisas da língua que ressoam, temos que supor que foi por aí que “acender a luz” fez efeito, não tanto por ele perceber que a luz era importante para fazer contorno. O que ele chama de acontecimento de corpo é tanto o fato dessa sombra feliz quanto o efeito da interpretação que a fez vibrar. A expressão de Miller na conferência é, “fazer passar para as tripas” um significante.

Laurent diz: “a operação psicanalítica se torna agora não tanto encontrar a palavra que se ajuste melhor ao corpo, ou a verdade do corpo, mas no dizer que faça acontecimento para este corpo, silencioso – com relação à verdade – que é o corpo da pulsão”.<sup>17</sup>

## A Política do sujeito e a política do *sinthoma*

De qualquer maneira, bem de longe, nós formamos uma comunidade que aposta no acontecimento. Não deixa de ser um modo de repercutir o que Lacan já indicava no Seminário 7, algo acontece, “do nada”, ex-nihilo. As coisas são, não porque foram definidas em algum lugar na pré-história por alguma mão divina ou da natureza. Não quer dizer que não haja nada prévio, mas que o verdadeiro acontecimento

transcende suas determinações. Em vez de apostar na ideia de uma estrutura pré-formada ou na onipotência de um saber prévio, apostamos da surpresa do que surge e afeta.

Acho que vale pensar isto em todos os planos, inclusive o político. Somos, na análise, profissionais do acontecimento, do que pode surgir do encontro, mesmo quando se trata do encontro com o olhar de uma criança autista. Em alguns casos é preciso atravessar um mundo de acontecimentos, para obter um acontecimento fora do campo do verdadeiro ou falso, fora do ideal, são os casos relatados nos passes, em outros casos não haverá verdade nenhuma desde a saída, será mais fazer ressoar do que fazer dizer.

Se lido com uma criança autista batendo com a cabeça na parede, tenho que encontrar uma maneira de me desapegar da ideia de que isto é expressão de genes defeituosos e tomá-lo como um acontecimento. Claro que nesse caso será preciso fazê-lo entrar em algum tipo de cadeia mínima, uma cadeia de fala. Mas se a gente não se mantiver bem perto do acontecimento não conseguirá conectá-lo a nada.

Já nos casos de passe, temos que nos destacar das cadeias da verdade para chegar à vibração, mas nos dois casos estamos lidando com acontecimento de corpo.

Dessa forma, a política do sujeito é um caso particular da política do *sinthoma*, a política da verdade, como a política do sujeito é um caso particular da política do acontecimento.

Temos dito que a política da Escola é a política do passe. Acho que a política do passe é a política do *sinthoma* e que a política do acontecimento de corpo é a política do *sinthoma*. A política do passe não é que se promova o passe. O que o passe, traz, talvez de forte é possibilidade de uma experiência que funciona no esgotamento da verdade através da promoção do que estamos chamando de acontecimento de corpo, pelo menos o passe hoje.

Na aula que mencionei do Laurent, ele retoma quatro passes, para tentar marcar como em cada um deles, o acontecimento de corpo foi decisivo. Poderíamos retomar os nossos, para caminhar por aí, como estamos fazendo com o relato do Luiz Fernando Carrijo.

É preciso muito cuidado com os termos. Quando falamos em *sujeito*, habitualmente estamos usando o termo como sinônimo de *pessoa*, neste sentido é claro que nossa política é do sujeito, humana, que lida com pessoas, gente que tem história e que deve ser reconhecida como tal. Mas se usamos *sujeito* no sentido lacaniano, o sujeito é o espaço entre dois significantes, pura hiância localizada, neste sentido, uma política do sujeito é uma política do vazio. Ora, nem sempre estamos lidando com o vazio. No caso de lidarmos com o autista batendo com a cabeça na parede, em que se trata exatamente de fazer um vazio operar onde não opera, falar em sujeito pode nos atrapalhar mais que ajudar, vou ter que perder um bom tempo para discutir e provar que ele é sujeito.

Outro exemplo, numa reunião de equipe costumamos dizer que é preciso “fazer circular o desejo” e é verdade, em alguém que está batendo a cabeça na parede essa idéia não faz tanto sentido, ele funciona para quem está no registro da falta e do enigma e que por uma razão ou outra ficou separado dela, numa equipe todos brigando, por exemplo.

A política do falassere não é uma alternativa à política do sujeito do inconsciente porque o falasser inclui o sujeito. Há muitos falasseres, mas nem todos são melhor

abordados a partir da ideia de que há um sujeito neles que pensa coisas que não são pensadas conscientemente, um sujeito do inconsciente.

**Participante:** Mas no testemunho do passe não há sempre um sujeito?

Talvez não haja testemunho de passe sem sujeito, talvez não haja testemunho sem sujeito. Por isso o trabalho da Comissão da verdade é tão interessante. O que é a comissão da verdade? Uma tribuna onde as pessoas vão testemunhar. Não há consequências legais, mas há a experiência de verdade e seus efeitos, ela é um acontecimento de verdade.

Talvez o testemunho do passe não exista sem essa coisa que circula, que se tenta encontrar, o sujeito, quem está falando. Mas a diferença é que enquanto os testemunhos na comissão da verdade buscam o acontecimento de uma verdade e seus efeitos, o passe busca o acontecimento de corpo e suas ressonâncias.

**Participante:** Como poderíamos pensar o acontecimento de corpo como mostração de alguma coisa, que não há? No fen meno psicossomático alguma coisa marca o corpo como uma letra. Como podemos fazer uma aproxima o entre o fen meno psicossomático e o acontecimento de corpo?

## O sintoma e a escrita

Não saberia te dizer do fen meno psicossomático, mas sua pergunta destaca como   importante em toda discussão sobre o acontecimento de corpo, jamais esquecer que ele envolve um encontro com a linguagem. Não se trata nunca de um acontecimento fora da linguagem, apesar de ser fora do sentido. Ora, a maneira imediata de marcar isto sem apelar para a verdade ou para o sentido,   apelando para uma analogia com a escrita.

A escrita   o que na linguagem pode trazer o fora do sentido, sem apontar para o vazio, o inefável, o impossível fora da linguagem. Ela presentifica o real do gozo como tomado por uma rede de escrita, pelos ravinamentos da planície siberiana de Lacan, por exemplo,   um gozo que corre pelas ravinas da linguagem. Acrescente-se então no acontecimento de corpo que sem cair para uma coisa mediúnica ele   inacessível caso não articulemos o acontecimento com a escrita.

Não   a mesma coisa do que dizer que esse acontecimento seria causado por uma marca no corpo, uma escrita como impressão. Vejam o exemplo da água passando pela peneira, não   intenc o de ninguém, desejo de ninguém, senão voltamos para o trauma, o significante marcando o corpo e extraindo dele gozo. Em "Fun o e campo...", Lacan d  o exemplo do escravo que carrega uma mensagem tatuada no cr neo. Essa   a escrita da castra o, da paixão do significante, do enigma. Não vou conseguir saber aquilo que está escrito, mas os outros conseguem ver. Como no poker  ndio, todo mundo me l  só eu não. Tenho que passar pelo Outro para ver o meu jogo. Isso   fantasia. Com o andar da análise, percebe-se que ninguém l  a mesma coisa e que no final   uma garatuja, não   para ser lida, apenas vivida.

Então precisamos imaginar o que existe pela linguagem e que não quer dizer nada. Por isso a escrita, que lida com coisas que são linguagem, mas não dizem nada.

Todo o raciocínio de Laurent nessa li o desenvolve a seguinte idéia. Caso você quera chegar mais perto da ressonância, se quiser ser um verdadeiro analista do falasser, não se deve, como muitos entendem, ser ua analista-sujeito, mais vivo e animado, parceiro de seu paciente, ao contrário. Para que sua fala ressoe   preciso calar a boca. Quando se fala muito   mais difícil fazer ressonar e vibrar alguma coisa.

O tal do analista do falasser talvez não seja mais silencioso, mas pelo menos leva muito a sério a materialidade da palavra e seus efeitos no corpo.

Termino com meu esquemão:



Na primeira linha vamos do sintoma ao sinthoma passando pela fantasia Na segunda linha, no centro, a fórmula da fantasia que articula sujeito e objeto. Sabemos que na análise fazemos o sujeito falar, apostando que o sintoma é uma fala. Essa linha poderia ser dita que vamos da fala do sintoma, como o dizer de um sujeito inconsciente, ao ponto em que ele se descobre objeto e finalmente, um falante do corpo que tanto pode ser sujeito quanto objeto, mas não é nenhum dos dois. Na última linha, o sintoma fala a verdade do sujeito como enigma, passando pela estrutura, deilneando-se a estrutura do sujeito, onde ele aparece como objeto, pode-se ir da repetição de uma matriz estrutural à surpresa de um acontecimento fora da repetição.

<sup>1</sup> Lacan, J. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, pp. 248-264.

<sup>2</sup> Em francês *la langue* e *la lalangue* que só se distinguem, porque o segundo termo é concebido para que seu uso "seja o mais perto possível da lalação" (Lacan, J. "Conferência de Genebra sobre o sintoma", *Opção lacaniana*, n. 23). Por isso prefiro lalíngua em português, porque se traduzimos o termo por *alíngua*, em vez de lalação, o que vem no uso é mais próximo da gagueira, "a alíngua", o contrário da ideia de Lacan por enfatizar a segmentação (cf. nota de tradução nos *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 510).

<sup>3</sup> Cf. Miller, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos e Lacan: entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 17.

<sup>4</sup> Miller, J. A. "Apresentação do tema do IX Congresso da AMP", <http://www.congresamp2014.com/pt/default.php>.

<sup>5</sup> Miller, J. A. « L'inconscient et le corps parlant », <https://www.congressoamp2016.com/pagina.php?id=8#texfra1>.

<sup>6</sup> Cf. por exemplo, Miller, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos e Lacan: entre desejo e gozo*, op. cit., p. 174.

<sup>7</sup> Cf. p. ex. Lacan, J. "As ressonâncias da interpretação", in: *Função e Campo da fala na psicanálise*, Escritos Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 290 e seguintes.

<sup>8</sup> Cf. Lacan, J. "Variantes do tratamento padrão", *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, p. 327.

<sup>9</sup> Foucault Michel. *A coragem da verdade*. Editora Martins Fontes. 2011.

<sup>10</sup> Miller, J.-A. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2003, especialmente as aulas XXI e XXII. Lacan, J. "Joyce, o Sintoma", *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 565 e 386. Laurent, E. *Le corps parlant et son sinthome*, última lição de 2/6/15, disponível em <http://www.radiolacan.com/fr/topic/629/3>, acesso em 5/8/15.

<sup>11</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 521.

<sup>12</sup> Carrijo, L. F. "É preciso acender a luz", testemunho no seminário lições do passe, EBP-Rio, 22/6/15, inédito.

<sup>13</sup> "É aquilo que é apto a portar a marca que o incluirá em uma série", Lacan, J. *Outros Escritos*, op. cit. p. 407.

<sup>14</sup> A melhor maneira de encarná-lo fora do passe talvez tenha sido a de Laurent, que remete a Sócrates para falar de seu *daimon*. Laurent, E. "El delirio de un inconsciente sin el sintoma", *El sentimiento delirante de la vida*, Buenos Aires, Coleccion Diva, 2011, p. 53.

<sup>15</sup> Lacan, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)*, Rio de Janeiro, Zahar, p. 18 e «O Aturdido», *Outros Escritos*, op. cit., p. 493.

<sup>16</sup> Para o uso de "franja" por Lacan, cf. Lacan, J. *O seminário, livro 3*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 160 e para o "litoral", Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 21 (p. 16 da ed. original).

<sup>17</sup> Laurent, E. *ibid.*